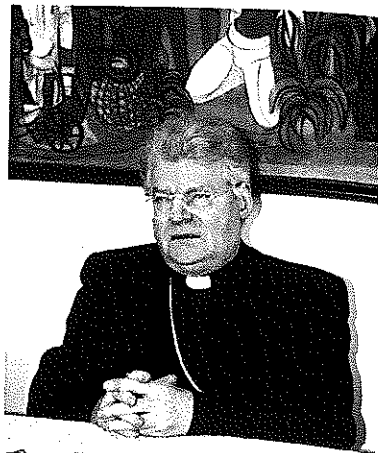


Aconteceu na Faculdade Assunção nos dias 18, 19 e 20 de maio, a visita do Reitor da Pontifícia Universidade Lateranense de Roma P.U.L., Mons. Angelo Scolla. A visita à nossa Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da qual se originou o Instituto de Direito Canônico "Pe. Dr. Giuseppe Benito Pegoraro", foi exclusivamente para reconhecê-lo e agregá-lo à Pontifícia Universidade Lateranense de Roma.

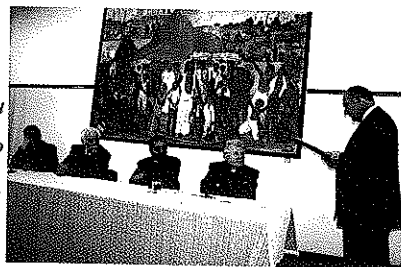


Mons. Scolla, Reitor da Pontifícia Universidade Lateranense, Roma



A mesa diretora foi composta pelo diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Pe. Dr. José Benedito Simão, pelo diretor do Instituto de Direito Canônico "Pe. Dr. Giuseppe Benito Pegoraro", Côn. Martin Segú Girona e da parte de Mons. Scolla, Pe. Petrini, da Arquidiocese de Salvador, como tradutor.

Um dos alunos, Luiz Henrique Bugnolo, saudou em nome da direção e do Corpo Discente ao Exmo. Sr. Reitor da P.U.L.



AVANÇOS E RETROCESSOS NO MOVIMENTO LITÚRGICO NO BRASIL

Frei José Ariovaldo da Silva, OFM

1. A LITURGIA NA IDADE MÉDIA: ALGUNS PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS PARA UMA MELHOR COMPREENSÃO DO NOSSO TEMA

Como veremos, o movimento litúrgico no Brasil esbarrou com uma grande dificuldade, a saber, a religiosidade popular. Ora, segundo conceituados autores brasileiros (J. Comblin, E. Hoornaert, R. Azzi, F. C. Rolim e outros), o nosso catolicismo tem raízes profundas alastradas para dentro da Idade Média. Traz elementos de tradição medieval, arraigados na alma do nosso povo, fazendo parte de nossa cultura. Assim sendo, para compreendermos o nosso tema, primeiro vejamos um pouco a problemática da liturgia medieval.

1.1 Uma liturgia com influência franco-germânica

A partir de fins do século VII e início do século VIII, sob os imperadores Pepino, o Breve, e depois Carlos Magno, a liturgia gálica, com rito e linguagem próprias, incorporou em seus ritos a liturgia romana, formando aí uma liturgia mista, uma liturgia romano-franco-germânica.

Esta "nova" liturgia, por causa da índole própria da cultura franco-germânica, traz características da liturgia gálica, tais como: "o calor afetivo, uma expressão mais forte do sentimento lírico em comparação com a sobriedade romana, a riqueza do vocabulário e simbolismo, bem como a intensidade da ação dramática". Isso quanto aos elementos formais. Quanto aos elementos teológicos, destacam-se: "a multiplicação das orações privadas durante a celebração litúrgica, uma consciência muito forte e profunda do pecado e da culpa ('apologias'), o direcionamento da prece a 'Cristo, nosso Deus'¹. Um

¹ GOENADA J., A. *O movimento litúrgico*, em: BOROBIO, D. *A celebração na Igreja I...*, p. 90.

dos elementos fortes desta liturgia híbrida é a tendência à dramaticidade, tanto na forma de elaborar as orações, como no uso de símbolos e ações simbólicas.

No século IX, quando a Igreja Romana em muitos aspectos entrou em profunda crise, a sua vida litúrgica se via ameaçada de morte. Roma, então, no reinado dos Otões, adota aquela liturgia mista elaborada a partir da reforma carolíngia. Resultado, a liturgia romana carrega-se daquela dramaticidade própria das culturas franco-germânicas.

Aliás, as próprias igrejas da península ibérica receberam também influência direta franco-germânica em suas liturgias². E também de Roma, já com sua liturgia romano-franco-germânica, influenciada também pelo oriente bizantino, veio a influência para a península ibérica³.

Daí o gosto delas pelas dramatizações e extravasamento de sentimentos, típicas das igrejas da Península Ibérica, através das grandes procissões do Santíssimo, do Senhor Morto, o gosto pelas romarias, a veneração pelos santos, multiplicação de sinais da cruz e genuflexões na missa etc.

As raízes profundas do nosso catolicismo se alastram até às origens longínquas dessa mistura da liturgia galicana com a romana e da galicana influenciando também as igrejas da península ibérica. Assim, podemos dizer que nossa maneira de celebrar e compreender a fé, com a qual fomos evangelizados, tem suas raízes lá longe...

1.2 Liturgia clerical

Outra característica da liturgia da Idade Média, acentuada sobretudo a partir da reforma de Gregório VII, é o centralismo litúrgico clerical. Quem faz a liturgia é o clero. O povo apenas assiste à liturgia como um objeto de

²Sabemos, por exemplo, da existência desta influência entre a antiga liturgia galicana e a liturgia hispânica (cf. PINELL, J. *A liturgia hispânica*, em: VV.AA. *Panorama histórico geral da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 74-93).

³Veja o que diz o Encontro interdepartamental do CELAM sobre "religiosidade popular", realizado em Bogotá nos dias 22 a 28 de agosto de 1976 (cf. SEDOC, 10: 23-24, 1977).

devoção como as outras devoções. Aliás, o próprio clero enche a missa de "devoções" particulares, pela multiplicação das famosas "apologias"⁴.

Interessante que, mais tarde, com o advento do concílio de Trento, esse problema não ficou resolvido. Isso se observa no Missal de Pio V (1570): tanto na sua introdução geral como nas rubricas, sua preocupação se centra exclusivamente na atuação do padre; não há nenhuma preocupação quanto à assembléia, como acontece com o atual missal de Paulo VI⁵. Ora, foi com essa mentalidade e prática litúrgicas, provindas lá da Idade Média, que a evangelização se implantou no Brasil.

1.3 Povo distante da liturgia

O clero monopoliza a liturgia. Só ele sabe a língua da liturgia. A própria forma de celebrar a liturgia se complicou com um emaranhado sem fim de gestos e dramatizações incompreensíveis para o povo. O povo, à distância, apenas assiste ao espetáculo clerical, desconhecido em sua linguagem e incompreendido em sua forma, monopolizada pelo clero, roubada ao povo.

Resultado, os fiéis procurarão um substitutivo dessa liturgia, mediante as devoções aos santos. Nasceram assim as devoções populares.

O povo nem comunga mais. A ação de comungar é substituída pelo ver a hóstia. Em vez de comungar, todo mundo se apressa ansiosamente em ver a hóstia consagrada, quase como que querendo tocar a hóstia com os olhos⁶. O mandato de Jesus de todos "comerem o pão" e "beberem o cálice" só valia para o clero.

⁴São orações ditas em voz baixa, em primeira pessoa, pela qual o padre pede perdão seja pelos seus próprios pecados, seja pelos pecados de outrem pelo(a) qual celebra a missa.

⁵Cf. NEUNHEUSER, B. *La relation entre le prêtre et les fidèles dans la liturgie de Pie V et celle de Paul VI*, em: VV.AA. *L'assemblée liturgique et les différents rôles dans l'assemblée*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1977, p. 239-252.

⁶Cf. DUMOUTET, E. *Le désir de voir l'hostie et les origines de la dévotion au Saint Sacrement*. Paris: 1926.

Buscam tentativas de explicação da missa para o povo, lançando mão do alegorismo litúrgico. A saber, a missa é vista como uma grande representação dramática da vida e dos passos da Paixão de Cristo. Cada gesto do padre era ligado a um passo da vida ou da Paixão de Cristo.

Nem mesmo depois do concílio de Trento ficou resolvido o problema. Como escreve Salvatore Marsili: "Uma celebração litúrgica era, exteriormente, algo grandioso que impressionava pela beleza e pelo decoro, mas era ao mesmo tempo apenas espetáculo a que se assistia porque era um número da festa; mas o seu sentido verdadeiro de 'evento de salvação' escapava agora como antes. O povo continuará com as suas 'devoções', que se tornavam às vezes, pelo menos para alguns, mais 'meditativas'; a Liturgia permanecerá freqüentemente apenas para formar a moldura, ou melhor, para dar a 'medida de tempo' dentro do qual cada um separadamente ou todos juntos poderão fazer a própria ou comum 'devoção', como é, por exemplo, cada vez mais freqüente, a recitação do terço ou a leitura de pontos de meditação. A comunhão é freqüentada um pouco mais..., mas, de costume, far-se-á *fora* da missa; a exposição solene do Santíssimo, a procissão do Corpo de Deus, e outras em honra da Virgem Maria e dos Santos; as novenas, os tríduos, serão sempre ainda as formas 'devocionais' preferidos do povo. A Liturgia permanece, ainda depois de Trento, aquela que era: um culto externo e um fato 'clerical'; do qual o povo deverá manter-se distante"⁷.

Foi com essa mentalidade litúrgica que se implantou a evangelização e nossa terra. Fomos evangelizados com esse modo de ser igreja celebrante. Esse modo de ser igreja celebrante é que formou um dos substratos religioso-culturais mais significativos do nosso povo.

1.4 Os sacramentos vistos como remédio

Os sacramentos, em vez de serem celebrações privilegiadas do mistério pascal, como no tempo dos santos Padres, na Idade Média são vistos mais como remédio. Remédio para curar. Remédio para prevenir. Remédio para

⁷MARSILI, S. *A Liturgia, momento histórico da salvação*, em: *A Liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas 1987, p. 85 (Anámnese 1).

fortalecer: fortificante. Assim, vemos uma religiosidade fortemente individualista, onde cada um dispõe da Igreja como uma grande farmácia espiritual onde cada um busca os remédios necessários para curar os males espirituais e corporais.

Com esta mentalidade fomos evangelizados em nosso Brasil. Nas viagens missionárias de bispos e padres pelos interiores, faziam-se verdadeiras "vacinações" em massa contra o pecado e todos os males, aplicando os remédios adequados para cada caso, seja para curar, seja para prevenir, seja para fortalecer o "sistema imunológico espiritual". Como? Pela administração dos sacramentos, remédios de salvação.

1.5 *Catolicismo devocional*

A fonte de espiritualidade na Idade Média centrou-se nas devoções populares, e não na Liturgia como celebração comunitária do mistério pascal. O povo, na verdade, se alimentava em sua espiritualidade nas devoções por ele elaboradas, bem como na assistência devota ao espetáculo clerical da missa e nas "fantasias alegóricas" em torno da mesma. É com este modo de celebrar a liturgia que fomos evangelizados.

Faz pensar o que diz Puebla: "A religião do povo latino-americano, em sua forma cultural mais característica, é expressão da fé católica. É um catolicismo popular" (Puebla 444).

2. ALGUNS DADOS SOBRE O MOVIMENTO LITÚRGICO EUROPEU

2.1 *Origens remotas*

Chama-se "movimento litúrgico" o processo que se deu na segunda metade do século XIX e na primeira do metade do século XX, no sentido de "resgatar" os verdadeiros valores da vida litúrgica da comunidade cristã.

Já no século XVIII, com o Iluminismo, temos um remoto período de gestação do movimento litúrgico. Com o movimento cultural chamado

Iluminismo, “propunha-se combater a ignorância, o preconceito, a superstição, aplicando a análise racional a todos os campos possíveis da experiência humana”⁸.

Assim, o Iluminismo influenciou uma nova busca de compreensão e prática da liturgia, que passa a ser vista mais sob o aspecto da utilidade para a pastoral. Acentua-se o caráter comunitário da liturgia, com maior simplicidade e racionalidade. Busca-se a essência lógica da liturgia.

Nessa linha surgem tentativas de reformas litúrgicas locais (neogalicanas) das dioceses da França, não aprovadas por Roma.

A mais famosa foi a do sínodo de Pistóia (1786)! Muito significativas as suas exigências de reforma litúrgica⁹. Tem aspectos positivos, porém limitados e condicionados pelas idéias iluministas: “A liturgia não era considerada como uma ação salvífica de Cristo, da qual a comunidade participa, mas uma função educativa do povo, um meio para o progresso moral do indivíduo”¹⁰. Ou, como diz Matias Augé: “foram envenenados por idéias jansenistas, em seguida por atitudes inopinadas, insubordinadas, inoportunas e irreverentes quer em relação à autoridade pontifícia, quer em relação a uma população ligada a uma tradição preferida pela maioria e ainda não preparada doutrinariamente e psicologicamente para reformas desse porte”¹¹.

Insucesso dessas reformas: racionalismo, tendências parcialmente heréticas. Em todo caso, foi um período de gestação do movimento litúrgico.

⁸AUGÉ, M. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 1996, p. 54.

⁹Um só altar em cada templo, participação dos fiéis, abolição da cobrança pela missa, redução das procissões, música simples, grave e adaptada ao sentido das palavras, ornamentação que não ofenda nem distraia o espírito, reforma do breviário e do missal, um novo ritual, redução do excessivo número de festas, leitura em um ano da Sagrada Escritura no ofício etc. (cf. BASURKO, X. *De Trento ao movimento litúrgico*, em: BOROBIO, D. *A celebração na igreja I...*, p. 120-121).

¹⁰Ibid., p. 121.

¹¹AUGÉ, M. *Liturgia...*, p. 54.

Nas primeiras décadas do século XIX, em oposição ao Iluminismo, vem o Romantismo. Defende “uma nova visão do mundo e uma espécie de sensibilidade baseadas no culto das tradições e da história, no individualismo animado pela fantasia e pelo sentimento”. Considera a liturgia mais “como um dado histórico, ou como algo que agrada esteticamente, mas a essência da liturgia lhe é totalmente estranha”¹².

Na esteira do Romantismo, entra o movimento de restauração católica, que tem por objetivo: reconstruir aquilo que o Iluminismo destruiu. E como? Mediante uma estreita ligação com Roma e com a Alta Idade Média. E aqui entra a liturgia. Busca-se resgatar a liturgia na sua suposta forma originária romana, como um valor digno de veneração e para o qual se quer despertar entusiasmo. Exponente neste sentido: O abade beneditino Prosper Guéranger (+ 1875). Na sua intuição fundamental, a liturgia é a oração da Igreja, o verdadeiro modelo da oração cristã, superando todas as escolas e métodos particulares.

Sob o entusiasmo do movimento de restauração católica, avoluma-se a atividade científica, recuperando a história da liturgia. Migne inicia e publica a célebre *Patrologia* latina e grega. Assim, “são colocadas as premissas para uma consideração mais crítica da liturgia da Idade Média e tridentina, às vezes enaltecida de maneira unilateral na fase da restauração”¹³. Destaca-se também a publicação, no início do século XX, do monumental *Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie*.

2.2 O movimento litúrgico do século XX: alguns dados gerais

No dia 22 de novembro de 1903, o papa Pio X publicou Motu próprio *Tra le sollecitudini* (Entre as preocupações) sobre a música sacra. Nele, o papa faz uma surpreendente revelação e manifesta uma preocupação: “os fiéis devem encontrar o verdadeiro espírito cristão em sua fonte primeira e in-

¹²Ibid., p. 55.

¹³Ibid., p. 56.

dispensável, que é a participação ativa nos sagrados mistérios e na oração pública e solene da Igreja". Em outras palavras, o verdadeiro espírito cristão consiste na "participação ativa nos sagrados mistérios e na oração pública e solene da Igreja". Dá-se assim o "chute inicial" para o início da verdadeira fase pastoral do movimento litúrgico. E quem assume a bandeira é o beneditino belga Lambert Beauduin (+ 1960).

Em 1909, aconteceu o congresso nacional das obras católicas de Malines (Bélgica). Nesse congresso, Lambert Beauduin pronunciou uma famosa conferência, que marca o início do movimento litúrgico clássico. Na ocasião, ele proclamou que "a liturgia constitui a catequese fundamental da doutrina cristã e o meio mais eficaz para estimular e alimentar a vida espiritual". Tarefas formuladas neste congresso: "a difusão do missal traduzido como o livro do cristão; aumento do caráter litúrgico da piedade por meio da participação na missa paroquial - ensinando a não desvincular a preparação e ação de graças da comunhão, das orações da missa -, nas vésperas e, no lar, por intermédio da recuperação de antigas tradições litúrgicas (as completas, bênção da mesa, preces e ritos próprios das épocas fortes); a promoção do canto gregoriano segundo as orientações de Pio X; a organização de retiros anuais para os responsáveis pela pastoral litúrgica"¹⁴.

Após a Primeira Guerra Mundial, o movimento se difundiu na Alemanha, a partir da abadia beneditina de Maria Laach, que se tornou um grande centro de estudos e pesquisa litúrgica. Odo Casel (+ 1948) foi o grande expoente. Estudioso dos Padres da Igreja e da ciência das religiões, chega à "convicção de que a liturgia é a celebração dos mistérios, na qual o 'mistério primordial', Jesus Cristo, se torna presente com sua ação salvífica como portador da salvação"¹⁵. Ainda na Alemanha, Romano Guardini (+ 1968) difunde o "espírito da liturgia" aos jovens estudantes. E na Áustria, Pius Parsch (+ 1954) trabalha a dimensão paroquial-pastoral do movimento.

¹⁴BASURKO, X. *De Trento ao movimento litúrgico*, em: BOROBIO D., *op. cit.* p. 128.

¹⁵AUGÉ, M., *op. cit.*, p. 57.

O movimento teve opositores ferrenhos que o colocavam sob suspeita, provocando acaloradas discussões. Uma voz forte neste debate foi a de Pio XII que publicou, em 1947, a encíclica *Mediator Dei* sobre a liturgia, documento decisivo para a causa litúrgica, especificando alguns conceitos e reconhecendo os esforços desenvolvidos pelo movimento litúrgico. O próprio papa introduziu várias reformas parciais da liturgia. Em 1948, nomeou uma comissão para a reforma da liturgia; em 1951 reformou a Vigília Pascal; em 1955, reformou a Semana Santa e simplificou rubricas e textos da Liturgia das Horas; em 1956, introduziu a missa vespertina; e em 1955 e 1958, publicou duas instruções sobre a música sacra. São reformas que depois prosseguiram com João XXII até às vésperas do Concílio Vaticano II.

3. O MOVIMENTO LITÚRGICO NO BRASIL¹⁶

3.1 *Os grandes promotores do movimento litúrgico*

O movimento litúrgico foi sendo implantado no Brasil, com dimensões de um verdadeiro movimento, a partir de 1933, com a vinda do beneditino Dom Martinho Michler para cá. Antes deste ano existiam aqui apenas alguns indícios... Através de aulas para universitários, cursos em paróquias e dioceses, retiros etc., desvendando a dimensão teológica-espiritual da liturgia, Dom Martinho deslanchou um grande movimento de busca de renovação da vida litúrgica no Brasil.

Na Bahia, o beneditino Dom Beda Keckeisen, já a partir de 1930, inicia a tradução e publicação do missal em português para os fiéis acompanharem a missa. Algo idêntico realizou o beneditino Dom Polycarpo Amstalden em São Paulo, publicando os textos da missa dominical em folhetos para serem distribuídos nas paróquias.

No Rio, o beneditino Dom Hildebrando Martins promoveu publicações de ordinários da missa e outros subsídios para o povo entender e participar melhor do sacrifício eucarístico. E o franciscano Frei Henrique Golland Trinda-

¹⁶Cf. SILVA, J. A. da. *O movimento litúrgico. Estudo histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

de, em Petrópolis, publica um livrinho chamado *Sigamos a missa*, com o mesmo objetivo.

Em Pernambuco, D. Mário de Miranda Vilas-Bôas, em sua primeira carta pastoral como bispo de Garanhuns, de 30.10.1938, faz um veemente apelo no sentido de restaurar a Liturgia. Esta carta teve repercussão nacional, servindo até como uma espécie de manual de Ação Católica.

No Rio, em 1939, o abade beneditino D. Tomaz Keller defende e salva a prática da missa dialogada, ameaçada de proibição pelo Concílio Plenário Brasileiro.

3.2 A expansão do movimento

O movimento litúrgico no Brasil se expandiu por várias cidades do Brasil (Rio, São Paulo, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Uberaba, Pouso Alegre etc.), tendo como entusiastas divulgadores os filiados e filiações da Ação Católica, através de semanas, encontros, estudos também para os fiéis nas paróquias.

A diocese que melhor aderiu ao movimento litúrgico foi a de Belo Horizonte, sob a liderança de seu arcebispo D. Cabral, assessorado por uma equipe de padres entusiastas.

O que ajudou também na expansão do movimento litúrgico foram as publicações. Muitos artigos em revistas, sobretudo na revista *A Ordem*, foram publicados em torno dos ideais do movimento. Muitos livros, traduzidos do estrangeiro, divulgavam aqui os ideais do movimento litúrgico. Por exemplo, já em 1938, foi publicado aqui o célebre livro *Vida litúrgica*, de Lambert Beauduin. Em 1943, foi publicado a famosa obra de Romano Guardini, *O espírito da Liturgia*.

Depois, em 1947, veio a encíclica de Pio XII, *Mediator Dei*. Foi grande a repercussão desse documento aqui no Brasil. Publicada em toda parte, nos mais diferentes órgãos de imprensa. Congressos foram realizados em torno da mesma. A encíclica veio como que botar um pouco "em ordem" a casa, pois muitas eram as controvérsias em torno dos ideais do movimento litúrgico. Foi

muito difícil aceitar que a Liturgia constitui o centro e a fonte primeira da teologia e de toda espiritualidade cristã.

3.3 O que pretendia o movimento litúrgico

Principalmente o seguinte:

1. Levar os fiéis a compreender o verdadeiro sentido da missa, a partir dos seus textos eucológicos e do ordinário.
2. Levar os fiéis a descobrir que a fonte verdadeira de vida espiritual está na própria liturgia. A liturgia é a melhor fonte de piedade e de vida espiritual autêntica, pois nela a comunidade estabelece um encontro vital com o próprio Senhor redivivo.
3. Incentivar à participação na liturgia, sobretudo na missa, e até mesmo no ofício divino.

4. AVANÇOS E RETROCESSOS

4.1 Avanços

Quanto aos avanços, poderíamos dizer o seguinte:

Levou muita gente, pelos mais diversos meios, sobretudo nas fileiras da Ação Católica, a compreender o verdadeiro sentido da missa, a partir de seus textos eucológicos e do ordinário.

Conseqüentemente, levou muita gente, sobretudo nos meios da Ação Católica, a descobrir que a fonte verdadeira de vida espiritual está na própria liturgia. A liturgia é a melhor fonte de piedade e de vida espiritual autêntica, pois nela nos encontramos pessoal e comunitariamente com o próprio Senhor ressuscitado.

Acordou muita gente para o resgate da teologia e espiritualidade litúrgicas, que não existiam mais. Liturgia não passava de ritualismo e rubricismo reli-

giosos da Igreja católica. Acordou muita gente para o fato de que a Liturgia é fonte máxima de espiritualidade.

A partir desta descoberta da Liturgia como fonte de piedade e espiritualidade, surgiram muitas vocações religiosas, sobretudo monásticas, tanto masculinas como femininas¹⁷.

4.2 Limites e retrocessos

Não falo só em retrocessos, mas também em limites ou dificuldades. Muito interessantes são as diferentes reações críticas que vão surgindo cá e lá frente ao movimento. Por que será? Qual o sentido de tais reações? Tem razão de ser?

Mas vamos aos limites e retrocessos. Começemos apenas citando um exemplo, o da célebre carta pastoral de D. Mário de Miranda Vilas-Bôas, de Garanhuns (PE), de 1938. Era “considerado o melhor documento saído do episcopado nacional” sobre o apostolado da Ação Católica; “um dos acontecimentos mais marcantes da vida católica dos últimos tempos”, diz a revista *A Ordem*. Um documento que, segundo escreveu na época o grande Tristão de Athaíde (Alceu Amoroso Lima), deverá ser marcado “nos faustos de nossa histórica eclesiástica”. Como já dissemos, esta carta foi divulgada para além dos limites diocesanos de Garanhuns. Serviu até como manual de Ação Católica. Tanto que, em 1940, saiu em segunda edição.

Nesta carta, D. Mário, entre outras coisas, conclama a todos para o empenho de “restauração e difusão litúrgica”. Explicação da missa, difusão do missal, levar todos a viverem profundamente a liturgia, como fonte de vida, “princípio vital” para todo apostolado.

¹⁷Dentre estas vocações, por exemplo, temos o beneditino D. Clemente Isnard, bispo emérito de Nova Friburgo (RJ), membro do *consilium* para aplicação das reformas da SC, e por muitos anos presidente da linha 4 da CNBB.

Em seguida, entusiasmado pela beleza da liturgia como o “princípio vital” propriamente dito da vida da Igreja, D. Mário tece uma longa lamentação sobre o que ele chama de “adulterações litúrgicas... desvitalizadoras do espírito cristão”: “Quantas vezes, nossas Igrejas, nos grandes dias, dão-nos a trágica impressão de um clube de festas, pelo profano e ridículo da decoração, flores de papel, nem sempre artísticas, e fitas e laços e lanternas e todo um mundo de quinquilharias fúteis e inexpressíveis (...). Adulteração litúrgica nos célebres novenários e trezenários de paraninfos, com a teatralidade de cerimônias e encenações estapafúrdias, em que o respeito à casa de Deus é sacrificado e profanada mesmo a presença real do Deus sacramentado (...) Abuso nas procissões, desvirtuadas de suas tão piedosas finalidades e rebaixadas à categoria de passeatas puxadas a charola com santos!... Não dói na alma ver, assim, conspurcado o sublime culto das Imagens?! E, às vezes, ...nem bastam as imagens de nossos Santos..., recorre-se ao reprovável costume de fantasiar de Santos a meninos, meninas e moças! (...) coisa vazia que se inventou de chamar de cântico sacro que, de sacro, tem apenas o lugar onde é executado, berrante profanação que é. Melodias profanas, cadenciadas ao sabor de nossas velhas modinhas sentimentais. Letras mais profanas ainda, e, por vezes, até ímpias: - ‘Deus é a flor desabrochando, Deus é o pássaro que voa, Deus é o eco da espessura, Deus é o ai que mal soa!!!...’. Suprema inconsciência, diríamos, não fora alguma coisa mais grave, isto é, o sentido panteístico e pagão que há na *sensabedoria* destes versos. Nada mais belo que... nossos velhos hinos religiosos... e... o canto gregoriano. Todas essas adulterações da vida litúrgica..., de par com o laicismo da sociedade, produziram essa religiosidade vaga e imprecisa, de festa e foguetório e bandeirolas... E a vida cristã se foi desonrando. Substituiu-a uma piedade mole, piegas, estéril, que vai da devoção de orações românticas, de papeluchos e amuletos, à grosseria das mais crassas superstições. Que vai do êxtase ante a imagem de Santa Terezinha, à gélida indiferença diante do Tabernáculo. Que conhece, a fundo, a história dos milagres de Sto Antônio, Santo Onofre, São Cosme e São Damião, e nunca leu os Evangelhos de Jesus Cristo e as candentes

Epístolas de São Paulo. Católicos de Sacramentais e não de Sacramentos... Urge dar um combate sério a esse catolicismo tradicional, festivo e comodista”¹⁸.

Repito: Esta carta teve ampla aceitação nos meios de Ação Católica, pelo Brasil afora. E esse é um exemplo de como os entusiastas pelo movimento, entusiasmados pela redescoberta do espírito da liturgia, às vezes se expressam em relação à religiosidade popular. E aqui podemos já detectar uma limitação do movimento. Na época não tinham condições ainda de perceber que a nossa raiz cultural é a do catolicismo popular. Não tinham condição de tentar uma integração entre a cultura religiosa popular e a liturgia, como estamos tentando hoje, dentro do processo de inculturação. E o método de trabalhar as questões, na época, era o da apologética.

Esta dificuldade é percebida também pelas inúmeras reações, queixas e ferozes críticas, igualmente apologéticas, ao movimento litúrgico, sobretudo pelos mais aferrados às práticas devocionais¹⁹.

De uma ampla pesquisa que fizemos sobre as controvérsias em torno do movimento litúrgico, chegamos ao seguinte resumo geral, antes de 1947 e depois de 1947.

4.2.1 Antes da Mediator Dei²⁰

Percebemos que adeptos e propagandistas do movimento litúrgico foram duramente atacados. De nossa pesquisa, elencamos alguns apelativos e expressões características usadas para atacá-los:

¹⁸ 1ª Carta Pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, Bispo de Garanhuns. Salvador-Bahia: 1938, p. 42-44; cit. em SILVA, José Ariovaldo da. *O movimento litúrgico no Brasil*, p. 69 e notas 214-217.

¹⁹ Cf. SOARES D'AZEVEDO. Carta a um exmo. bispo meu amigo de coração. *Vozes*, 33: 221-224, 1939. Outro exemplo de reação encontramos numa carta-consulta de um congregado mariano ao redator da revista *Estrela do Mar*, da Confederação das Congregações Marianas (cf. *Estrela do Mar*, n. 386: 100, 1942). Outro exemplo ilustrativo temos em outra carta, na mesma revista, em 1943; desta vez, de um “zeloso sacerdote”, lamentando-se de uma série de “abusos”, “inovações”, “erros e heresias” litúrgicas que alguns tentam introduzir na Igreja. Em resumo, seria do exclusivismo litúrgico com o conseqüente desprezo das práticas extralitúrgicas de que ele se queixa (cf. *Estrela do Mar*, n. 395: 39, 1943).

²⁰ SILVA, José Ariovaldo da. *O movimento litúrgico no Brasil*, p. 196-199.

- Mania de liturgia; espírito de capela; “católicos Do Cristo”..., aristocratas, detentores das chaves do céu, tendo nas mãos a sabedoria, gente de escol, *magister dixit*, os condutores, os guias, os privilegiados; exageros exóticos; ridículas esquisitices; “liturgismo” fanático, exclusivista, pedante, absurdo, exagerado, unilateral, ridículo, herético; charadas estereotipadas; pneumático (com irônico segundo sentido: pneu de automóvel!); abusos; erros e heresias; novidades esquisitas; inovadores; pseudo-liturgismo; desmandos doutrinários; exageros do hyper-liturgismo; heresias modernistas; igrejinhas do peixe; pseudo-liturgistas; falsos profetas; francos profetas do mal; liturgismo de má lei; exageros e desatinos de alguns asseclas do chamado movimento litúrgico; liturgicista(s); liturgicismo; “totalitarismo” religioso; espírito “arcaico”; espírito intolerante e exclusivista etc.

Por que esta terminologia? Porque os adeptos do movimento litúrgico são acusados de uma série de erros e abusos em matéria de liturgia, tais como:

- Só pensam em liturgia, olvidando-se da ação social. Só a liturgia é que para eles vale (“Mania de liturgia!”).
- Há mesmo um irritante *snobismo* litúrgico (terminologia nova! etc.) de uns grupos arrogantes de iniciados litúrgicos, “fanáticos”.
- Advogam o uso exclusivo do Missal (e folhetos litúrgicos), abolindo com isso o terço na missa.
- Desprezam o *Goffiné* (= célebre livro de explicação alegórica da missa).
- Querem introduzir à força a missa dialogada, a missa *versus populum*, paramentos largos, procissão do Ofertório. (Falam até mesmo em se *dever* mastigar a hóstia na comunhão, pois a liturgia diz: *manducamus!*).
- Querem abolir as orações no fim da missa, por não serem litúrgicas.
- Alegando não ser o rosário oração litúrgica, querem por força substituí-lo pelo ofício divino.
- Atentam contra as devoções do povo, querendo substituí-las (eliminá-las) pela *única* devoção: a *litúrgica* (missa, sacramentos, ofício divino).
- Atentam contra os retiros fechados, especialmente os retiros segundo o método de Santo Inácio. Alegam deverem estes ser substituídos por

palestras litúrgicas em ambiente mais livre e descontraído, com jogos e recreações, suprimindo-se o terço, a via-sacra, não podendo aí se falar do inferno, da luta contra as paixões, das virtudes passivas etc. Atentam contra os retiros quaresmais, alegando que a quaresma é o grande retiro da Igreja, segundo a liturgia.

- Forçam substituir (não querem ver) a imagem do Cristo das dores pela do Cristo glorioso e vencedor, o Cristo *pantocrator*.

- Sob pretexto de restaurar uma piedade autenticamente católica, litúrgica, criticam fortemente – querendo até excluir – o valor doutrinal e prático das formas de piedade extraliturógicas e de ascese (retiros espirituais, meditação, exame de consciência, exercícios de vontade, rosário, via-sacra, devoção ao Santíssimo²¹, tesouros espirituais, devoção aos santos – só pensam em São Paulo e nos Santos Padres!).

- Querendo ser cristocêntricos, atentam contra a piedade mariana.

- Criticam as escolas de espiritualidade (a que mais se ressentem é sempre a dos Jesuítas), alegando-se que só existe uma: a litúrgica.

- São erros, a maioria deles, provenientes do conceito mecânico e mágico de liturgia, que tem sua origem no espírito modernista de horror à mortificação e ao sacrifício, em busca de prazeres sensuais.

Pela gravidade destes dados todos, alguém poderá deduzir que houve exageros por parte dos adeptos do movimento litúrgico no Brasil. Não resta dúvida, houve imprudência e precipitação. Houve falta de precisão na linguagem. Houve exageros no falar e no agir. Os próprios liturgistas de então são concordes nesta afirmação.

²¹Um fato pitoresco. Certa feita, no Instituto de Educação em Belo Horizonte, o Pe. Orlando Machado afirmou numa conferência que “Cristo está na Eucaristia, não para ser adorado, mas adoramo-lo porque está presente”. Houve protestos imediatos... Muitos se retiraram da sala, com protesto contra esta “heresia” que negaria a presença real. Fato idêntico aconteceu com o Pe. Agnaldo Leal em Belo Horizonte. Numa conferência, afirmava que “não guardamos o Santíssimo no sacrário para adorar, mas o adoramos porque o guardamos...”. Uma “beata” denunciou isso ao núncio. O núncio se queixou a D. Cabral. E este não podia fazer nada!

Até que ponto vai a gravidade dos excessos é difícil dizê-lo. Pois é evidente que da parte dos acusadores houve muito mais excesso, sobretudo quanto ao método de atacar e apontar os erros dos que eles denominavam “hereges do liturgismo”. Exageraram com uma terminologia que chega a ser *descaridosa*, caluniosa e ofensiva, com métodos pouco corretos, segundo se queixam alguns. Além disso, notamos que os acusadores apenas se preocuparam em apontar os pecados do movimento litúrgico. Não mostraram o mínimo interesse em apontar os frutos positivos do mesmo. Apenas andaram à caça de “heresias” do movimento.

No entanto, desta linguagem fortemente hostil e agressiva, deste comportamento adverso ao movimento litúrgico, emerge também um dado sem dúvida interessante para quem estuda o complexo fenômeno cultural da religiosidade popular no Brasil: É impressionante como essa gente defende com unhas e dentes uma tradição, que de repente se vê de certa maneira ameaçada. Defende-se a todo custo um tipo de moral e ascese, a piedade extraliturógica nas suas mais variadas formas, as escolas de espiritualidade. Defende-se a própria liturgia... Mas, defendem atacando... Aí está um problema que ameaçou a própria credibilidade do movimento litúrgico.

Da parte dos acusados, eles reconhecem que houve erros e imprudência. No entanto, apesar dos deslizos, estão convencidos de que o movimento é bom, seus frutos são realmente consoladores, e que por isso mesmo é um dever sagrado defendê-lo. Daí, dispostos a corrigir os erros, reafirmam sempre de novo os ideais do movimento litúrgico: não se trata de diminuir ou eliminar o extraliturógico, mas fazer uma campanha para evidenciar o litúrgico (culto oficial da Igreja) que se encontrava caído no esquecimento por causa de uma religiosidade por demais subjetivista e sentimentalista.

Da parte dos acusadores, embora não condidamos com o método usado, digno de nota, repetimos, é a paixão com que se procura salvaguardar uma tradição popular de piedade, sem dúvida tipicamente brasileira, que se sentia fortemente criticada e ameaçada pela “invasão” do *litúrgico* oficial que o movimento litúrgico queria evidenciar.

Da parte dos liturgistas, digna de nota é a serenidade e ponderação com que em geral defendem o movimento litúrgico: defendem, *defendendo-o*, isto é, não tanto atacando o adversário como o adversário o fazia, mas procurando evidenciar sempre melhor os ideais da vida litúrgica plenamente vivida e participada.

Enfim, as controvérsias em torno do movimento litúrgico no Brasil mostram como foi difícil combinar a “novidade” da Liturgia com as tradições locais de um catolicismo tipicamente tradicional.

4.2.2 Depois da *Mediator Dei*²²

Como primeira observação, diríamos que as controvérsias mais pesadas, neste período, se deram sobretudo nos primeiros anos da publicação da encíclica, até fins de 1953. Depois, aos poucos, as polêmicas vão diminuindo. Pelo menos é o que aparece mais pelos documentos publicados.

A razão está na própria ótica com que imediatamente se fez a leitura da encíclica. Não houve unanimidade na maneira de encarar este documento de Pio XII. Se, de um lado, a *Mediator Dei* foi vista sob um ponto de vista meramente jurídico-organizativo do culto e, de outro, vista como um corpo realmente rico de ensinamentos teológico-litúrgico-pastorais, numa terceira ala foi encarada sob um ângulo meramente “condenador” de abusos e heresias litúrgicas.

Assim, sobretudo os “integristas” ligados ao antigo jornal *O Legionário*, aproveitando-se das “condenações” feitas por Pio XII, encontraram apoio na própria encíclica para esbravejar agora “com autoridade” contra seus inimigos “liturgicistas” e, ao mesmo tempo, justificar sua própria batalha “anti-herética”.

Tratava-se de um grupo muito influente desta linha. Um grupo que tudo procurava fazer para realmente levar à morte ou, pelo menos, neutralizar os esforços do movimento litúrgico no Brasil, o que se deduz do próprio fato de

este grupo não mostrar nenhuma preocupação em acentuar - pelo menos acenar - os valores positivos do movimento (congressos, semanas litúrgicas, publicações etc.). Não que não tivesse havido exageros e imprudências. Mas, identificar simplesmente o movimento litúrgico com o *jansenismo*, parece também ser muito exagerado!

Era um grupo muito influente que buscava “sanar”, pela raiz, a doença do “liturgismo”, isto é, “moralizando” o próprio clero. Tão influentes eram seus membros, tão fortemente soaram a trombeta de alarme, que a própria Sagrada Congregação para os Seminários resolveu intervir com uma carta dirigida a todos os bispos do Brasil, advertindo-os para a vigilância na formação dos seminaristas quanto ao “gosto exagerado e pouco prudente por toda e qualquer novidade”²³.

Na realidade, havia problemas. Um exemplo foi o seminário de Belo Horizonte, onde dois “partidos” se degladiavam: os “liturgistas” adeptos do movimento litúrgico que criticavam os usos tradicionais (devoções, ascese etc.), em favor de uma “liturgia mais pura”, e os tradicionalistas (“marianistas”) que anatematizavam aqueles, defendendo os valores tradicionais de espiritualidade. Dom Cabral propõe uma solução pacífica, procurando ressaltar os valores defendidos por ambos os partidos como válidos e necessários para todos.

Vem a citada Carta da Sagrada Congregação para os Seminários que, justamente, chama a atenção para, na formação dos futuros padres, não desmerecer a importância dos valores tradicionais prezados pela Igreja nesta formação.

No entanto, metodologicamente a carta não foi feliz. Atendo-se exclusivamente aos valores tradicionais de formação e espiritualidade, e censurando o que ela chama de “liturgismo”, seguramente deu a entender que apoiava a ala dos tradicionalistas com uma tradição de luta anti-“liturgicista” de vários anos, e desmerecia - pelo menos ignorava - a causa pela qual lutavam os simpatizantes do movimento litúrgico. Prova disso é o imediato pioramento das divisões internas do seminário de Belo Horizonte, em vez de melhorar, apesar

²²SILVA, José Arioaldo da. *O movimento litúrgico no Brasil*, p. 335-337.

²³Cf. *REB*, 10: 471-177, 1950.

da proposta equilibrada de D. Cabral, que então, diante da autoridade do documento da Santa Sé, de certa maneira perdia a sua possível força conciliadora.

Em São Paulo, o Cardeal Arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta se debatia com o problema de intrigas entre as Congregações Marianas e a Ação Católica. A saber, esta vinha sendo acusada de ser mal orientada e de assumir o espírito "modernista" (movimento litúrgico!). Dom Motta, em sua carta pastoral de 07/09/1950, julga injustas tais acusações e, defendendo a Ação Católica, toma indiretamente posição em favor do movimento litúrgico.

Em Campos, para onde se transfere o quartel-general dos "integristas" a partir de 1949, com a nomeação de D. Castro Mayer para aquela diocese, o jornal *O Catolicismo* (daquela diocese) continuava as investidas deste grupo contra o movimento litúrgico. A maneira unilateral e extrapoladora com que lê os documentos pontifícios para anatematizar o "jansenismo sob o aspecto litúrgico" é uma prova típica de que este jornal visava realmente combater o movimento litúrgico.

Enfim, os principais erros "liturgicistas" ("jansenistas" e "protestantes") do movimento litúrgico, contra os quais este grupo vinha combatendo há anos, aparecem codificados numa carta pastoral do próprio D. Castro Mayer, na *Pastoral sobre problemas do apostolado* moderno, de 06.01.1953, na qual, em forma de Catecismo, a cada erro contrapõe "verdades oportunas". Também aí, a maneira unilateral e exagerada de propor as questões e servir-se de documentos pontifícios para combater os erros, deixa entrever que quem estava sendo combatido era o próprio movimento litúrgico.

Sintomático é que, diante de todas estas agressões, aparecem bem poucas reações na imprensa da parte dos adeptos do movimento litúrgico, comparando com o período anterior à *Mediator Dei*. É que, apoiados nos incentivos teológico-litúrgico-pastorais da encíclica, estavam convencidos de que também estavam certos.

Não se duvida que tenha havido deslizos por parte de "alguns" do movimento litúrgico. Mas combater estes "alguns" sem absolutamente tomar em consideração os valores positivos deste movimento, significa sem dúvida também desmerecê-lo!

Contudo e apesar de tudo, estas polêmicas todas trouxeram também uma contribuição certamente positiva para o movimento litúrgico no Brasil, no sentido de obrigar seus adeptos a rever e a aprofundar sempre de novo suas posições e comportamentos litúrgicos na Igreja.

5. DUAS OBSERVAÇÕES CONCLUSIVAS

Olhando os documentos oficiais (cartas pastorais, sínodos diocesanos), percebe-se, com algumas entusiasmadas exceções, uma certa reticência das autoridades eclesiais em relação do movimento litúrgico.

Surge uma pergunta: Por que será? Mostra isso um retrocesso do movimento litúrgico? Talvez não. Explica-se. Os bispos, convivendo diretamente com o povo e com a cultura popular, mostram uma certa tendência em silenciar sobre o movimento litúrgico, não para condená-lo, mas para não "ferir" uma cultura pluricentenária que está aí (a cultura das devoções, de uma espiritualidade baseada nas devoções etc.).

Outra observação: Olhando "certos fenômenos religiosos" de hoje²⁴, fico pensando com meus botões. A renovação do Vaticano II, que coloca na Liturgia a fonte máxima de espiritualidade na Igreja, ainda não atingiu em pleno as grandes massas. Esta, em seu inconsciente coletivo permanece medieval, devocional, e sua fonte de espiritualidade está nas devoções e no individualismo religioso. Basta, então, um toque mágico de algum mito, apoiado pela mídia, e... explode esse inconsciente como um vulcão. O inconsciente coletivo das grandes massas ainda não foi re-evangelizado; ele está ainda naquele modelo de vivência da fé medieval e pós-tridentina. Quando e como o inconsciente coletivo das grandes massas, sem perder sua identidade cultural, poderá viver o verdadeiro sentido da Liturgia cristã, segundo viviam nossos antepassados mais remotos do tempo dos Pais e Mães da Igreja, e segundo nos propõe o Vaticano II? Será que não estamos correndo o risco de jogar no lixo as imensas riquezas litúrgicas desse concílio, em favor do resgate, com tintura moderna, dos modelos medievais de vivência da fé?

²⁴Cf. BECKHÄUSER, Alberto, "Análise de certos fenômenos 'religiosos' à luz da sagrada Liturgia", *REB*, 59: 618-643, 1999.

BIBLIOGRAFIA

1. Sobre o movimento litúrgico em geral

GOENAGA, Jose Antonio. *O movimento Litúrgico*, em: BOROBIO Dionisio. *A celebração na Igreja 1. Liturgia e Sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 126-125.

NEUNHEUSER, Burkhard. *O movimento Litúrgico: panorama histórico e linhas teológicas*, em: VV.AA. *A Liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 9-36. (Anámnese 1).

NEUNHEUSER, Burkhard. *Movimento Litúrgico*, em: SARTORE Domenico - TRIACCA Achille M., *Dicionário de Liturgia*, São Paulo: Paulinas, 1992, p. 787-799.

2. Sobre o movimento litúrgico no Brasil

BOTTE, B. *O Movimento Litúrgico*. Em Apêndice: O Movimento Litúrgico no Brasil, por D. Clemente Isnard, OSB. São Paulo: Paulinas, 1978.

SILVA, J. A. da. *O Movimento Litúrgico no Brasil. Estudo histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

3. Sobre a religiosidade popular no Brasil

AZEVEDO, Th. de. *Catolicismo no Brasil?*, em: *Vozes*, 63: 117-124, 1969.

CAMARGO, P. *Essay de typologie du catholicisme brésilien*. *Social Compass*, 14: 399-423, 1967.

CATOLICISMO POPULAR, em: *REB*, fasc. 141, 36: 5-280, 1976.

CELAM. *Igreja e Religiosidade Popular na América Latina*. *SEDOC*, 10: 17-45, jul. ag. 1977²⁵.

COMBLIN, J. *Para uma Tipologia do Catolicismo no Brasil*. *REB*, 28: 46-74, 1968.

COMBLIN, J. *Situação Histórica do Catolicismo no Brasil*. *REB*, 26: 574-601, 1966.

HOORNAERT, E. *Formação do Catolicismo Brasileiro. 1500-1800*. Petrópolis, Vozes, 1974.

HOORNAERT, E. *Formação do Catolicismo Guerreiro no Brasil (1500-1800)*, em: *REB*, 33: 854-885, 1973.

HOORNAERT, E. *Para uma História da Igreja no Brasil*. *REB*, 33: 117-138, 1973.

MONTENEGRO, J. A. S. *Evolução do Catolicismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

PEREIRA, R. *O Fator Religioso na História Brasileira*. Recife: Secretaria do Interior e Justiça. Arquivo Público Estadual, 1956²⁶.

ROLIM, A. *Católicos e Catolicismo*. *REB*, 30: 326-348, 1970.

ROLIN, A. *Em Torno da Religiosidade no Brasil*, em: *REB*, 25: 11-28, 1965.

SÜSS, P. G. *Catolicismo popular no Brasil; tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1979.

VV. AA. *História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 1977 (Col. "História geral da Igreja na América Latina", tomo II/1 - Primeira Época, e 1980 (tomo II/2 - Segunda Época).

VV.AA. *Catolicismo popular. História, cultura, teologia*. Petrópolis: Vozes, 1993. (Teologia e Libertação VII/3).

Frei José Arioaldo é Doutor em Liturgia pelo Pontifício Ateneo Santo Anselmo, Roma e professor e membro do Centro de Liturgia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

²⁵Trata-se do documento final elaborado pelo encontro interdepartamental do CELAM realizado em Bogotá de 22 a 28 de agosto de 1976 sobre religiosidade popular.

²⁶Defende a tese de que a religião católica é responsável pela unidade nacional brasileira, que o catolicismo foi o cimento desta unidade.